

DO OUTRO ENQUANTO ABSOLUTA ALTERIDADE QUE FUNDAMENTA O ENCONTRO

Péricles MARIOTTO

(Mestrando em Filosofia – PUCAMP)

“Àquele que habita e contempla no amor, os homens se desligam do seu emaranhado confuso próprio das coisas; bons e maus, sábios e tolos, belos e feios, uns após outros, tornam-se para ele atuais, tornam-se TU, isto é, seres desprendidos, livres, únicos, ele os encontra cada um face-a-face.”

Martin Buber

Peregrinos de caminhos desejados por uma liberdade que insiste na possibilidade de vencermos as facticidades que nos rodeiam, inquietos diante de uma realidade que pode ser isto ou aquilo sem, no entanto, esgotar-se nisto ou naquilo mas velando-se no pudor do mistério que a envolve e sustenta, suspensos entre uma sístole e uma diástole, espaço ínfimo de tempo no qual já somos passado e o futuro ainda não se fez, por tudo isto, perambulamos nas orlas do manto da vida, véu de Maia em cuja presença apenas o silêncio é possível e coerente.

Silêncio, porém, que não se restringe à mera formalidade de sons ausentes; pois aquele que silencia quer, antes de mais nada, auscultar melhor e não simplesmente privar-se do barulho. E o que subsiste no silêncio é a inquestionável presença do Outro, o qual encontra no recolhimento daquele que silencia a possibilidade para pronunciar a palavra, a sua palavra, que interpela ao diálogo. Da resposta que damos a esta interpelação ou, mais exatamente, enquanto acontece a interpelação e o responder, ou ainda, na presentificação do instante imediato do encontro, acontece a relação, e “Que ninguém tente debilitar o sentido da relação: relação é reciprocidade” (Eu e TU, p. 9).

Mas a palavra, mesmo tendo assumido, especialmente no ensurdecido barulho dos meios de comunicação atuais, o lugar de destaque como veículo de possibilidade do entendimento e do “diálogo” entre humanos, embora “o mais ardoroso falar de um para o outro não constitui uma conservação (...)” (D. D. p. 35), não é o veículo exclusivo da relação dialó-

gica. Ao contrário, até mesmo no instante em que cessam as palavras acontece o encontro, algo nos diz alguma coisa mesmo em sua "insonoridade" e "quem compreende aqui o 'dizer' como uma metáfora não está compreendendo" (...) "mas o dizer a que me refiro é uma linguagem real. Na casa da linguagem há muitos compartimentos e este é um dos mais íntimos" (D. D. p. 42). Podemos ilustrar esta presença dialógica sem palavras, recordando o famoso êxtase de Óstia, descrito por Agostinho em suas Confissões, que acontece (termo este muito querido por Buber e que se contrapõe à esforçar-se, conquistar) durante uma conversa de Mônica e Agostinho: "Enquanto assim falávamos, anelando pela sabedoria, atingimo-la momentaneamente num ímpeto completo do nosso coração (...). Voltamos ao vão ruído dos nossos lábios (...)"¹

O vão ruído dos nossos lábios é a confirmação do significado etimológico de palavra: do grego parabolé, avisinhar-se, acercar-se, estar junto (para); lançar-se, arrojarse, atirarse (bálo), palavra é a aproximação carinhosa que fazemos à cercania do mistério, ou seja, toda palavra é histórica. Sua gênese é a presença do Ser no mistério vivenciado pela imediatez da presença do fato diante da consciência primitiva. Mas primitivo não quer ser sinônimo de antepassado, antes, somos primitivos toda vez que, abdicando do que sabemos sobre as coisas colocamo-nos diante delas na abertura da possibilidade de que elas nos digam algo ou, como tão bem exprime Buber, "Não é a alma da árvore ou sua dríade que se apresenta a mim, é ela mesma" (EU e TU), p. 9) porque "a força de sua exclusividade apoderou-se de mim" (EU e TU, p. 8). Ao nascer, portanto, toda palavra é mito: vela o mistério com aquilo que ele não é — palavra —, para permitir que no auscultar a palavra aproximemo-nos (parábola) da força originária de originante na qual esta mesma palavra tem sua natividade e sua epifania.

Assim como estamos "em casa" na ausência das paredes que nos rodeiam, moramos na casa da linguagem que é, paradoxalmente, a presença e a distância do outro. "As palavras e a linguagem não constituem cápsulas, em que as coisas são empacotadas para comércio de quem fala e escreve. É na palavra, na linguagem, que as coisas chegam a ser e são".²

O mundo portanto, este mundo no qual fomos inseridos e, por força de tal inserção, não há mais como realizarmos a nossa humanização a não ser pelas vias que nos conduzem ao coração do mundo, coração este que é a cristalina transparência da totalidade presente na singularidade dos entes, este mundo é o nosso grande Outro. Grandeza que, paradoxalmente, presentifica-se na humildade daquilo que não precisa de grandes alaridos para sustentar-se no desvelamento de si mesmo. A força da exclusividade do Outro é ele ex-sistir sem nenhuma forma de coação ou imposição, é seu genuíno estar-aí na independência absoluta de eu percebê-lo ou não: "A rosa é sem porquê/ Floresce por florescer/Não olha si mesma/ E não pergunta se alguém a vê" (Angelus Silesius).

Mundo e linguagem são, portanto, nossa dependência e nossa liberdade; dependência enquanto somos matéria inserida na materialidade do mundo, matéria esta que nos desafia e tende a nos submeter na inexorabilidade de suas leis e liberdade enquanto o transcendemos, depois de maturada imanência, pois “o homem não pode viver sem o ISSO, mas aquele que vive somente com o ISSO não é homem” (EU e TU, p. 39), nomeando-o, dirigindo-lhe o nosso TU e abrindo-nos ao seu TU. Mundo e linguagem, simultaneamente destino e liberdade, “juraram fidelidade mútua. Somente o homem que atualiza a liberdade encontra o destino. Quando eu descubro a ação que me requer, é aí, nesse movimento de minha liberdade que se me revela o mistério. Mas o mistério se revela a mim não só quando não posso realizar esta ação como eu pretendia, mas também até na própria resistência. (...) liberdade e destino unem-se mutuamente para dar sentido; e neste sentido o destino, até há pouco olhar severo suaviza-se como se fosse a própria graça” (EU e TU, p. 62).

Por isso a nossa atitude frente ao Outro, que pode ser e é, na maioria das vezes ambígua, determina a sua graciosa gratuidade quando dirigimo-nos a ele como um TU, ou a sua infernal presença — Sartre já disse que o inferno são os outros — se o outro é o ISSO: “Oh! Mistério em segredo. Oh! Amontoado de informações! Isso, Isso, Isso!” (EU e TU, pg. 6).

Desprender-se do mundo do Isso na permissão e na paciência da espera da revelação do TU é o destino que nos compete e a via de condução ao aprendizado do nosso serviço ao Ser. “Cumprir arear, limpar, brunir, varrer, despojar-se, estar aberto, na viagem que fazemos. Cumprir doar a tudo o que existe o espaço indeterminado — e generoso — de nossa liberdade, para que nele tudo esplenda. Cumprir soletrar, com carinho, o nome das coisas e do próximo, como um pastor que, no campo, pastoreira e abóia as reses do rebanho sob sua guarda”.³

Na generosidade da nossa doação, doação de um espaço cuja magnanimidade cresce para o alto e para cima, do ente mais simples e singelo às manifestações mais refinadas do espírito, deparamo-nos também com a generosidade de sermos acolhidos. À intensidade da nossa doação ao Outro corresponde a intensidade de tudo o que nos doou, fato este tão magnificamente elaborado por Heráclito, pensador da unidade e do movimento: “Quanto mais eu me der a ti, mais eu me tenho a mim. Quanto mais tu te deres a mim, mais tu te tens a ti”.

Nesta vida de relação à qual fomos destinados e por isso nos destinamos, deparamo-nos com três esferas de construção, nas quais a linguagem tem, paulatinamente, seu iniciar e seu coroamento. A primeira esfera é a vida com a natureza. “Com a natureza” não quer dizer assim: a natureza que está aí e com a qual posso me relacionar. Relacionar-se “com a natureza” quer dizer: deixar falar aquilo que sustenta todas as coisas enquanto presença que permite a identidade de isto ou aquilo ser natureza.

Por isso, nesta primeira esfera de relação, diz-nos Buber, estamos no limiar da linguagem. De fato, nesta esfera podemos apenas nomear as coisas e estas passam a ser aquilo mesmo que nomeamos. Nesta esfera, a linguagem dirige-se sempre de nós às coisas; não há reciprocidade, há apenas a sempre renovada esperança de que as coisas sejam aquilo que designamos ao lado da certeza, experienciável em raras ocasiões de descontracção, leveza e presença, de que jamais atingimos o coração da natureza ou a *physis* grega.

A segunda esfera é a nossa proximidade vivida com os homens. “Nesta esfera”, diz-nos Buber, “a relação é manifesta e explícita: podemos endereçar e receber o TU” (EU e TU, p. 7). É precisamente nesta esfera que a linguagem é a forma da relação (EU e TU, p. 117), nesta esfera nossos caminhos individuais encontram guarida, acercamo-nos da tradição, intojetamos costumes, filiamo-nos a uma terra, festejamos com cantos e danças, tudo é festa da linguagem.

A terceira esfera, a vida com os seres espirituais, “embora envolta em nuvens, se revela, silenciosa, mas gerando a linguagem. Nós preferimos, de todo nosso ser, a palavra-princípio, sem que nossos lábios possam pronunciá-la” (EU e TU, p. 7). Portanto, aquilo que gera a linguagem está no seu limiar e no seu coroamento. Assim, o TU Eterno buberiano é princípio e fim da relação: “As linhas de todas as relações, se prolongadas, entrecruzam-se no Tu eterno” (EU e TU, p. 87). Como princípio e fim o Tu eterno deve “ser invocado à maneira própria de cada esfera” (EU e TU, p. 7) para que em cada uma delas vislumbremos “a orla do Tu eterno, nós sentimos em cada Tu um sopro provindo dele” (o Tu eterno) (idem).

Mas entre as esferas, uma há que se destacar conforme Buber, e é a vida com os homens. “Aqui a linguagem se completa como seqüência no discurso e na réplica. Somente aqui, a palavra explicitada na linguagem encontra sua resposta. (...) Aqui, e somente aqui, há realmente o contemplar e o ser contemplado, o reconhecer e o ser-reconhecido, o amar e o ser-amado” (EU e TU, p. 118).

O outro humano, portanto, é a presença da radicalidade da alteridade do TU que me remete à consciência de minha solidão. Por encontrar-me com o outro, o TU humano, numa verdadeira relação dialógica, no suportamento da riqueza de sua diferença, tomo consciência mais plena de mim mesmo, abandono o casulo narcísico do ensimesmamento de uma consciência experimentadora, para abandonar-me à fluência do Nós. O TU, especificamente o TU humano, sem jamais poder ser tratado por mim como um meio — sobre isto temos o alerta kantiano — é a única possibilidade, no encontro, de eu sentir a presença do TU eterno, O outro lança-me, pelo seu amor, à transcendência de mim mesmo.

Até aqui desenrolamos o nosso caminhar. Buber foi o irmão mais velho que sondou os perigos e alegrias do caminho. Estamos ainda na

trilha do mesmo caminho: redescobrir a face do humano em meio a um mundo dominado pela tirania do isso. O TU humano começa a ser, portanto, o limite do nosso pensar:

“Pensar é a limitação a um pensamento que em algum tempo como uma estrela no céu do mundo permanece fixo”.⁴

NOTAS

(1) Santo Agostinho; **Confissões**, Livro IX, capítulo X, O Êxtase de Óstia, Abril Cultural, coleção Os Pensadores, 1982, pg. 182.

(2) HEIDEGGER, Martin; **Introdução à Metafísica**, Edições Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, tradução de Emmanuel Carneiro Leão, 1966, pg. 44.

(3) PELLEGRINO, Hélio; **A construção da alegria**, Jornal do Brasil, Recife, fevereiro de 1985.

(4) HEIDEGGER, Martin; **Da experiência do Pensar**, tradução, introdução e notas de Maria do Carmo Tavares de Miranda, Editora Globo, Porto Alegre, 1969, pg. 31.

BIBLIOGRAFIA

Livros escritos por Buber:

BUBER, Martin; **EU e TU**, introdução e tradução de Newton Aquiles Von Zuben, Cortez & Moraes, São Paulo, 1979, 2ª edição revista.

BUBER, Martin; **Do diálogo e do dialógico**, tradução de Marta E. de Souza Queiroz e Regina Weinberg, Editora Perspectiva, 1982, São Paulo. (Abreviado em nosso trabalho com a sigla D. D.)